

## **Jornal da Tarde**

**14/01/1985**

### **Um dia de trabalho em Guariba. Mas a tensão continua.**

*A greve está suspensa até o próximo dia 19, mas as ruas estão repletas de cartuchos das balas usadas pelos soldados e os trabalhadores revoltados com a violência usada pela polícia durante os conflitos.*

Embora não se tenham repetido atos de violência, o clima em Guariba ontem, um dia depois dos choques de rua entre os cortadores de cana e a polícia, ainda era de apreensão, principalmente na Vila João de Barro, onde mora a maioria dos 6 mil bóias-frias do município e centro do grande conflito social na região canavieira de Ribeirão Preto. Os trabalhadores reuniam-se nas ruas repletas de cartuchos de balas usadas pelos soldados, para exibir as inúmeras vítimas da repressão policial à greve, agora suspensa até o próximo dia 19, à espera dos resultados das negociações desenvolvidas pelo secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, e o presidente da Federação da Agricultura de São Paulo, Fábio Meirelles, representante dos usineiros da região.

A revolta contra a ação policial era grande, sobretudo por causa do espancamento de mulheres, crianças, pessoas idosas e pela invasão de dezenas de casas. O trabalho deverá voltar ao normal nas lavouras de cana-de-açúcar do município hoje, apesar dos desempregados (aproximadamente 2 mil) prometerem que impedirão o livre trânsito dos caminhões de bóias-frias que se destinarem ao campo. Preventivamente, os pelotões de choque da PM continuam aquartelados na cidade para garantir a circulação dos veículos. A Prefeitura oferecerá trabalho para todos os desempregados em frentes de serviço abertas na cidade por uma diária de Cr\$ 10 mil.

### **Os feridos**

Vários cortadores de cana, contudo, não terão condições de comparecer ao trabalho hoje, como é o caso de José Felipe Cardoso, de 62 anos, com o braço esquerdo fraturado por um golpe de cacetete de um soldado, que invadiu sua casa na rua Pascoal Lourenço.

Em pior estado ficou Domingos Dias de Carlos, de 33 anos e cortador de cana da Usina São Maninho, a maior do País. Ele foi massacrado por cinco soldados: com o rosto inchado, boca profundamente cortada, correndo o risco de ficar cego do olho esquerdo, corpo coberto por hematomas, provocadas pelos golpes de cacetetes e pontapés. Domingos estava ontem acamado em seu barraco na Vila João de Barro.

De uma forma geral, a repressão policial está sendo o principal motivo para o retorno ao trabalho. Durante a assembléia dos bóias-frias, encenada no início da noite de anteontem, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e presidente do PT em Guariba, José de Fátima, também espancado pela PM, usou a inferior relação de forças dos trabalhadores em relação aos policiais para argumentar pela suspensão da greve: "Os que não quiserem continuar apanhando voltem ao trabalho", disse sob os aplausos da deputada Irma Passoni, do PT, do padre Braguetto, da Comissão Pastoral da Terra, e de Osvaldo Bargas, secretário-geral da Central Única dos Trabalhadores, estes últimos organizadores do movimento e também feridos durante os choques com a PM.

Alguns trabalhadores estavam revoltados também com os líderes da greve, como era o caso de Teodolino Machado da Costa: "Tudo o que conseguimos com o movimento foi levar borrachada da polícia e perder dinheiro com os dias parados (se o bóia-fria não trabalha, não recebe os dez mil cruzeiros diários) pagos pelas usinas. Nunca mais farei outra greve; vou

cuidar de dar comida aos meus quatro filhos e quem quiser fazer política usando a gente que vá enfrentar a polícia sozinho".

### **Repúdio**

A Fetaesp — Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo — divulgou ontem uma nota à Imprensa repudiando a ação policial em Sertãozinho e Guariba.

Denunciando que a PM usou helicópteros, cassinetes, bombas, tiros, invasão de casas, espancamento de mulheres e crianças, a Fetaesp diz que "qualquer governo que se diz democrático tem a obrigação de assegurar a livre manifestação dos trabalhadores, colocando-se contra os que usam o poder econômico para gerar desemprego, baixo salário, fome, mortalidade, infantil na região mais rica de São Paulo".

Germano de Oliveira, enviado especial